



3891 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT06 - Educação Popular

A importância da educação popular e da escuta sensível para o processo de formação universitária
Marcilane da Silva Santos - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente trabalho pretende discorrer acerca da educação universitária no Brasil, levando em consideração características subjetivas e práticas pedagógicas que possam contribuir para uma formação mais humanizada e dialógica. Nesse sentido, traz-se à tona elementos da educação popular e da escuta sensível como ferramentas norteadoras para a superação do modelo bancário de educação, considerando-as também como necessárias para transformar a relação professor-estudante no ambiente universitário.

Palavras-chave: Educação Popular; Escuta Sensível; Formação Universitária.

A importância da educação popular e da escuta sensível para o processo de formação universitária

Resumo

O presente trabalho pretende discorrer acerca da educação universitária no Brasil, levando em consideração características subjetivas e práticas pedagógicas que possam contribuir para uma formação mais humanizada e dialógica. Nesse sentido, traz-se à tona elementos da educação popular e da escuta sensível como ferramentas norteadoras para a superação do modelo bancário de educação, considerando-as também como necessárias para transformar a relação professor-estudante no ambiente universitário.

Palavras-chave: Educação Popular; Escuta Sensível; Formação Universitária.

Introdução

A educação no Brasil ultrapassou diversos períodos e concepções históricas. E vem sofrendo influências de interesses políticos e econômicos desde o período colonial até os dias atuais, se tornando, porém, mais autônoma a partir do advento da Escola Nova (GADOTTI, 2003).

A partir do período que compreende os anos entre 1932 e 1969, marcado pelo predomínio da Pedagogia Nova, a Cultura Popular e a Educação Popular começam a surgir e unir forças, junto ao que foi chamado de emergência das pedagogias libertadoras trazidas principalmente por Paulo Freire. Onde, a expressão "educação popular" passou a assumir uma identidade de educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se a superação do sentido anterior de uma Pedagogia voltada apenas para as elites, cujos grupos dirigentes e dominantes, por meio da educação, buscavam controlar, manipular e ajustar o povo à ordem existente (SAVIANI, 2013).

É nesse sentido que se faz necessário trazer à tona uma crítica à educação bancária, que tem por referência teorias curriculares tradicionais, compreendendo os estudantes como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdos transmitidos pelos professores. Assim, quando Paulo Freire formula as bases para uma educação libertadora, contribui para a superação dessa concepção bancária da educação, possibilitando o desenvolvimento da consciência crítica, da ação criadora livre e determinadora das condições de existência (MENEZES; SANTIAGO, 2014).

O envolvimento protagonista no processo educativo, por meio da vivência e da prática dialógica, é um dos fatores que contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva visando uma construção democrática (MENEZES; SANTIAGO, 2014). Como prática e atitude pedagógica, o diálogo demanda reciprocidade na atitude de fala e de escuta. Freire ressalta que na prática dialógica, a atitude de escuta é tão importante quanto a fala, pois o sujeito que escuta percebe que sua fala tem valor semelhante à do outro (MENEZES; SANTIAGO, 2014).

Afirmar a escuta como experimentação significa indicar a inclusão das necessidades do outro, com o qual lidamos; não de forma piedosa, mas como ferramenta que possibilita o entendimento dos modos de vida naturalizados. Uma escuta sensível implica em ouvir vestígios e ver movimentos (HECKERT, 2007). O sujeito que escuta precisa demonstrar uma postura de abertura ao mundo do outro, levando em consideração as singularidades do sujeito que é ouvido (SANTOS, 2014).

Nessa direção, num contexto universitário marcado por opressões nas relações interpessoais e até mesmo no modelo de ensino vigente, cuja educação para as elites continua sendo privilegiada, faz-se necessário problematizarmos o tipo de educação que a universidade tem promovido e refletirmos acerca da importância da educação popular e da escuta sensível para a formação superior.

Dessa forma, o presente estudo pretende identificar elementos da educação popular e da escuta sensível que contribuam para o processo de formação universitária, discorrer sobre aspectos teóricos para a promoção da escuta sensível na formação universitária, bem como apontar ações para a promoção da escuta sensível e da educação popular no ambiente universitário.

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo teórico de caráter reflexivo, cuja inspiração partiu de experiências subjetivas vivenciadas pelas autoras no âmbito da Extensão Universitária Popular, bem como de pesquisas científicas no campo da Educação.

Desenvolvimento

A educação popular mostra-se como um caminho possível para o fortalecimento do protagonismo das classes populares no enfrentamento das iniquidades e desigualdades sociais, com a intencionalidade de construir uma sociedade justa e democrática. Com o intuito de valorizar saberes e iniciativas dos educandos, prezando pela construção compartilhada de conhecimentos (VASCONCELOS; CRUZ; PRADO, 2016).

Entende-se, pois, a educação popular como uma forma de resistência aos modelos contraditórios de sociedade que estão sendo criados, e que não pode ser um mero discurso, mas uma práxis (ROSAS, 2017). Assim, a educação popular é desafiada a lidar com o poder de modo descentralizado e inovador, para que as pessoas que estejam orientadas por essa perspectiva, desenvolvam processos organizativos com vistas à transformação e libertação (BRUTSCHER, 2017).

Deste modo, não basta que o conteúdo discutido em sala de aula seja revolucionário se o processo de discussão se mantém vertical. A educação popular vislumbra não o processo de transmissão de conhecimento, mas a ampliação dos espaços de interação cultural entre os diversos atores envolvidos objetivando a construção compartilhada do conhecimento e a organização política necessários à superação da educação bancária (VASCONCELOS, 2004).

Essa interação se dá a partir da horizontalidade das relações, onde não há imposição de saberes ou de atitudes de um para outro. No âmbito acadêmico, essa horizontalidade pressupõe uma postura de não autoritarismo por parte do docente (o que requer uma atitude cautelosa para lidar com as tensões que permeiam as relações de autoridade x liberdade), em que este possibilita que o aluno participe ativamente do seu processo de aprendizagem (MENEZES; SANTIAGO, 2014).

Assim, quando realizada de forma sensível, a escuta apresenta-se como uma ferramenta imprescindível para a humanização das relações. Ouvir está relacionado ao ato físico de captar sons, enquanto que escutar se refere a captar as sensações do outro (CECCIN, 2001, apud SANTOS 2014). Santos (2014) afirma que a escuta sensível permite que aquele que é ouvido se coloque de forma inteira, e esse "ato de acolher e escutar pode transformar a quem é acolhido e também a quem acolhe" (SANTOS, 2014, p. 16).

Ao refletirmos sobre a formação que adquirimos ao longo do ensino superior, podemos inferir que geralmente, não há espaço para o que o estudante fale sobre suas subjetividades, seus medos, dificuldades e enfrentamentos. O que pode gerar frustrações, desistências, inseguranças, dificuldades na aprendizagem. Por isso se torna tão importante colocar em prática a escuta e o diálogo no âmbito do ensino. Porém, não as abordando durante atividades em sala de aula apenas, mas como uma postura cotidiana na relação professor-estudante e estudante-professor, em torno de todo processo educativo.

Freire, em sua prática pedagógica, fazia questão de ressaltar que os desejos e os sonhos dos professores precisam ser confrontados com os sonhos e desejos dos estudantes, e, por isso, propunha que a primeira ação em sala de aula seria discutir a proposta da disciplina com os estudantes. Inicialmente, a escuta acontecia no sentido de promover um espaço para que as necessidades e expectativas de ambos fossem contempladas no trabalho a ser desenvolvido. Isto era realizado em uma sala de aula organizada em círculo, onde todas as pessoas podiam se enxergar (SAUL; SILVA, 2012).

A partir do relato seguia-se para um segundo momento onde se trabalhava com as diferentes temáticas, encontrando os eixos importantes em cada um dos projetos e as características comuns entre eles. Desse modo, na sala de aula, era exercitado um dos saberes necessários à prática educativa: saber escutar (SAUL; SILVA, 2012).

No sentido de promover a facilitação de práticas educativas dialógicas, horizontais, críticas e emancipadoras, é importante prezar pela formação permanente do docente, pois a prática se faz e se refaz a todo tempo (SAUL; SILVA, 2012). Os pesquisadores Saul e Silva (2012) apontam ainda que essa formação permanente pode ser realizada de diversas maneiras, durante eventos como congressos, seminários, em rodas de conversas, ou até mesmo nos "grupos de formação", modalidade esta que proporciona aos professores a discussão e reflexão sobre suas práticas, promovendo a práxis constante.

Resultados

A partir das discussões trazidas, o tema abordado infere que as categorias acolhimento, diálogo e escuta se fazem necessárias para o processo de formação universitária. Nessa direção, é importante que a universidade fomente a criação de espaços institucionais para o acolhimento de estudantes e professores diante de suas diversas demandas subjetivas.

Ambientes estes como salas de escuta (com acompanhamento de profissionais qualificados) e ambientes de cuidado que se utilizem de práticas e terapias para que estudantes e professores sejam acompanhados em seus processos de adoecimento, físico, emocional e/ou psíquico; espaços físicos que sejam destinados a momentos de descanso para os estudantes, como salas com colchonetes ou redes para repouso; criação de ambientes de lazer coletivo, onde as pessoas possam interagir entre si de maneira lúdica e informal; criação de atividades culturais que possam fomentar a integração entre os sujeitos, bem como possibilitar a expressão de sentimentos e angústias. Nesse sentido, os próprios Centros Acadêmicos poderiam se tornar espaços para a promoção do cuidado e aproximação entre estudantes.

Além disso, faz-se necessário transformar as práticas pedagógicas, a partir da postura dos docentes para com os alunos, no sentido que sejam não apenas meros transmissores de conteúdos, mas de fato facilitadores do processo de aprendizagem. A educação popular aponta, nesse sentido, elementos como o diálogo, a amorosidade e a promoção da autonomia dos sujeitos como imprescindíveis para o estabelecimento de uma relação horizontal ente as pessoas, levando-se em consideração suas subjetividades, realidades sociais e formas de enfrentamento destas.

A escuta sensível apresenta-se também como uma ferramenta essencial para o estabelecimento de uma relação mais humanizada entre os sujeitos, ao passo que pressupõe uma posição de abertura ao outro, sem julgamentos ou orientações. Esses elementos, estando presentes na relação professor-estudante demonstram potencial para atenuar as disparidades naturalmente existentes, favorecendo o desenvolvimento de relações mais genuínas e de menos sofrimento para os sujeitos envolvidos nesse processo.

Levando-se em consideração a oferta de espaços e serviços para cuidados com a saúde dos sujeitos, é essencial que haja uma capacitação contínua das pessoas que compõem o ambiente acadêmico, no sentido de que estes atuem de forma sensibilizada diante das demandas dos sujeitos. Nesse sentido, os grupos de formação de professores podem ser um caminho para o compartilhamento de experiências e angústias, mas principalmente para uma formação permanente de professores, que, pautada nos princípios da educação popular, possam promover uma educação libertadora, realizada não para ou sobre os estudantes, mas com eles, permeado por saberes compartilhados entre professores e estudantes.

Conclusão

A formação superior no Brasil ainda precisa passar por profundas mudanças até que se alcance um modelo de valorização do público que a sustenta. A educação não pode se resumir a pequenas caixas de conteúdos depositadas sobre os estudantes. Se estamos contribuindo para formação de pessoas, precisamos, portanto, perpassar pelo campo das subjetividades, precisamos falar sobre nossos sentimentos,

desafios, enfrentamentos, medos e angústias. E é porque somos seres humanos imersos em diferentes contextos de vida, que precisamos falar sobre nós, sobre o que aprendemos e ensinamos, e como aprendemos e ensinamos. Faz-se necessário refletirmos sobre o que faremos com os conhecimentos que adquirimos e sobre a educação queremos.

A universidade, em seus âmbitos mais profundos precisa humanizar-se. E neste sentido, a educação popular e a escuta sensível são ferramentas primordiais para o alcance dessa humanização. Precisamos de uma educação que valorize e compreenda os diversos saberes e contextos sociais de estudantes e professores. Utilizando-se para isso, de ferramentas que promovam o cuidado e a sensibilização de ambos. Haja vista que não há prática pedagógica sem estudantes, nem formação acadêmica sem professor. É preciso, pois, formarmos-nos continuamente.

Referências

BRUTSCHER, V. J. Educação (Popular) e Contradições. In: NETO, J. F. M.; CRUZ, P. J. C. (Org.) **Extensão Popular, educação e pesquisa**. João Pessoa: Editora do CCTA - UFPB, 2017, p. 42 - 72.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. v 8. São Paulo: Ática, 2003.

HECKERT, A. L. C. Escuta como cuidado: o que se passa nos processos de formação e de escuta? In: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. de. (Org.). **Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor**. 1. ed. Rio de Janeiro: ABRASCO/CEPESC, 2007, v. 1, p. 199-212.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3 (75), p. 45-62, set./dez. 2014.

ROSAS, A. S. Entrevista com Agostinho Rosas: Desafios para a educação popular na universidade. In: NETO, J. F. M.; CRUZ, P. J. C. (Org.). **Extensão Popular, educação e pesquisa**. João Pessoa: Editora do CCTA - UFPB, 2017, p. 38.

SANTOS, J. P. **A Escuta Qualificada - Instrumento Facilitador no Acolhimento ao Servidor Readaptado** 2014. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Curso MBA em Gestão de Pessoas, Programa FGV in company, São Paulo, 2014.

SAUL, A. M.; SILVA, A. F. G. Formando Educadores no contexto da educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire na Secretaria de Educação da Cidade de São Paulo (1989-1992). **ANPED**, São Paulo-SP. 2012. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-1391_res.pdf> Acesso em: 15 ago. 2018.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. Ed. São Paulo: Autores Associados, 2013.

_____, D. Teorias Pedagógicas Contra - Hegemônicas no Brasil. **Revista do Centro de Educação de Letras da UNIOESTE** - Campus de Foz do Iguaçu, v. 10, n. 2, p. 11 – 28, 2º sem. de 2008.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: de uma Prática Alternativa a uma Estratégia de Gestão Participativa das Políticas de Saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 67- 83, mai. 2004.

VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C.; PRADO, E. V. A contribuição da Educação Popular para a formação profissional em saúde. **Interface, comunicação, saúde e educação**, v. 20, n. 59, p. 835 – 838, 2016.